



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

UMA LEITURA DE POEMAS DE CORA CORALINA SOBRE AS PEDRAS DO CAMINHO

Jailma da Costa Ferreira; Ana Lúcia Maria de Souza Neves

*Universidade Estadual da Paraíba; jailma.jdf@gmail.com;
Universidade Estadual da Paraíba. analiteraturasouza@yahoo.com.br*

RESUMO

O presente artigo corresponde a uma leitura da imagem da pedra em poemas da poetisa Cora Coralina. Pretende-se refletir sobre as significações da referida imagem na realidade histórica e cultural vivenciada pelo eu poético feminino nos textos selecionados. Para tanto, foram escolhidos quatro poemas: “Aninha e suas pedras”, “Ressalva”, “Assim eu vejo a vida” e “Das pedras”. As discussões estão embasadas em Barthes (2004), Bosi *et al* (2001), Candido (1989) no que se refere à poesia e em Telles (2010), Del Priore (2010), Perrot (2013) no que diz respeito à construção de gênero/feminino. Quanto à metodologia, optou-se, em relação à abordagem, por uma pesquisa qualitativa e, no que diz respeito ao procedimento, por uma pesquisa bibliográfica. Procura-se, pois, evidenciar, através dos poemas selecionados, como a imagem da pedra na poesia de Cora está atrelada à luta das mulheres em busca de novas perspectivas e melhorias para suas vidas. Dessa forma, o artigo faz uma leitura do perfil feminino na sociedade do final do século XIX e, especialmente, do século XX, pois é neste último que os textos de Cora Coralina estão situados.

Palavras chaves: Cora Coralina. Poesia. Pedra. Feminino.

INTRODUÇÃO

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”.
(Simone de Beauvoir)

Ser mulher no século XX, período em que Cora escreve seus textos literários, era ser desafiada por uma sociedade que estava dividida entre a cultura patriarcalista e os ideais femininos, nascidos com a sociedade moderna. Muitas mulheres deste período passaram a questionar a condição de subordinação a que se encontravam perante a figura masculina do pai e, posteriormente, do esposo. Com o crescimento das cidades,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

com o acesso à escrita e à leitura, a mulher brasileira passa a comungar das ideias de mulheres europeias do século XVIII, dando início à luta pela conquista de visibilidade no cenário brasileiro.

Com o fortalecimento da burguesia e o desenvolvimento da economia surge a necessidade do letramento de crianças e mulheres, pois o analfabetismo comprometeria o progresso do país. Dessa forma, julgou-se necessário alfabetizar as crianças, tendo em vista a necessidade de prepará-las para uma sociedade moderna e com inovações tecnológicas, e alfabetizar as mulheres para que elas pudessem educar as crianças. Nesse contexto, no entanto, a mulher continuava exercendo sua “essencial” função materna:

A mulher pode, agora, receber instrução e trabalhar, mas seu universo ainda é o da família, da casa e do marido, ao qual cabe dedicar-se. As leituras que lhe são aconselhadas conformam-se a essa moldura: folhetins, romances ou histórias são reprovados, porque iludem e afastam a leitora das tarefas domésticas; recomendadas são as obras de moral e religião, que devolvem a mulher ao exercício de suas atividades mais nobres (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 263).

Conquistar espaço fora do ambiente doméstico não foi tarefa fácil para a mulher, mantida sob a custódia masculina (PERROT, 2013). Uma das veredas que ela encontrou para caminhar em busca da liberdade foi a da leitura/escrita. Mas, mesmo estando inserida no meio das letras, essa liberdade não veio instantaneamente, a conquista das mulheres aconteceu e tem acontecido pouco a pouco.

Através da leitura dos poemas *Aninha e suas pedras*; *Ressalva*; *Assim eu vejo a vida*; *Das pedras* é possível percebermos referências aos obstáculos que as mulheres tiveram que superar para assim conquistarem seus direitos e espaço em meio às adversidades sociais. O eu poético, nos poemas acima citados, assume a condição feminina e assim reveste os poemas de um lirismo inspirado na superação dos limites, que eram impostos às mulheres, empregando metaforicamente a pedra ora como obstáculo, ora como símbolo feminino de resistência e força diante das lutas travadas cotidianamente. Dessa forma, a leitura desses poemas abre uma reflexão sobre os



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

caminhos que muitas mulheres trilharam para recriar suas vidas e, assim, mudar o porvir de suas histórias.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica que norteia este trabalho está fundamentada na teoria literária, tendo em vista o texto literário como meio de estudo para compreender o(s) caminho(s) de superação traçado pela mulher do século XX. A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa e bibliográfica com base na leitura dos poemas na perspectiva apresentada por Candido (1989) no livro “Na sala de aula: caderno de análise literária” (1989). Como corpus de análise, selecionamos os poemas: *Aninha e suas pedras*; *Ressalva*; *Assim eu vejo a vida*; *Das pedras*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas, foi uma grande defensora dos direitos da mulher, criada numa sociedade patriarcalista, não se limitou a viver segundo os costumes da época. Aos 21 anos saiu de casa, grávida de seu futuro marido, o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, que fora casado e estava separado. Já viúva, após 45 anos longe de Goiás, sua terra natal, Cora retorna as suas raízes. Primeiramente faz fama na cidade como doceira e, posteriormente, como escritora.

Coralina viveu em um século no qual a discriminação e o preconceito em relação à mulher ainda eram muito fortes. A mulher devia viver para o lar, para o casamento e a maternidade. A alfabetização das mulheres foi um passo importante para que elas se tornassem mais livres, pois através da leitura e escrita a mulher passou a dedicar-se a novos sonhos e projetos, além daquele de “rainha do lar”. De maneira persistente as mulheres foram conseguindo mudar a realidade na qual viviam e assim superar seus próprios limites. Assim aconteceu também com Cora:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ela nunca sucumbiu diante das dificuldades e das perdas. Valendo-se de sua destreza e tino comercial, trabalhava incansavelmente. Plantou roças de milho e roseiras, fez doces e vendeu enciclopédia para a editora José Olympio (que mais tarde publicou seu primeiro livro. (BARBOSA, 2002, p. 100)

Nas mais diversas contradições, Cora sempre reconheceu nos seus escritos poéticos reflexos de sua história de vida. Embora não sejam considerados autobiográficos, seus textos são memórias da vida da poetisa, sua história de vida está sutilmente presente em seus versos. O eu poético na poesia de Coralina confunde-se com a mulher valente que foi essa escritora. O poema *Aninha e suas pedras* é uma evocação a necessidade de recriar a vida. O eu poético afirma a importância da persistência e ressalta que através de novas práticas o ser humano torna-se capaz de vencer os obstáculos que lhes cerca:

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

Considerando os muitos desafios que a mulher encontrou para projetar sua vida na sociedade patriarcalista podemos considerar que a pedra no poema acima é uma metáfora dos obstáculos que o feminino encontrou durante sua luta para conquistar vez e voz, indo além do espaço que lhe fora destinado. Diante desses obstáculos, ou dessas pedras, era necessário que a mulher não se curvasse, mas buscasse novos caminhos para trilhar, esse era o momento de recomeçar.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O eu poético aponta três alternativas para a recriação da vida: remover pedras, plantar roseiras e fazer doces. “Remover as pedras” pode ser interpretado como referência à intrepidez para enfrentar as contrariedades. Além disso, o eu poético não evoca a necessidade do auxílio de outrem para remover as pedras, mas sim ressalta a necessidade de cada um se colocar como o responsável pela ação.

Plantar roseiras e fazer doces metaforizam a opção por um caminho de beleza e prazer, impregnado por cores, cheiros e sabores, imagens recorrentes na poesia de Cora. Dessa forma, com a beleza das rosas e o prazer dos doces, a vida pode ser (re)criada com uma nova perspectiva, a rispidez da pedra dá lugar à delicadeza dos roseirais. A partir da doceira o azedume que marca a vida da mulher será convertido nos mais saborosos doces. Assim, a vida que outrora era mesquinha será transformada em um poema, servirá para que outros possam deleitar-se, pelo prazer e pela fruição, no sentido empregado por Barthes em “O prazer do texto” (2004):

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, psicológicas do leitor, a consistência dos seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 2004, p.20-21).

Escritura/ leitura que possibilita mudanças na forma de ver e enfrentar a vida, tanto por parte de quem escreve como de quem lê. Somente a partir do lugar como autoras e leitoras que muitas mulheres começam assumir nos séculos XIX e XX é que suas vidas ganham novo sentido. Deixam, sem abrir mão da delicadeza e da beleza, de serem espectadoras e passam a colocar-se como autoras de suas histórias. Como alude o eu poético de *Ressalva*, a mulher recria a própria vida a partir do momento em que se dispõe a retirar as pedras do caminho:

Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da Vida
recria e poetiza sua própria
Vida.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Este livro
foi escrito por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.

Este livro:
Versos... Não.
Poesia... Não.
Um modo diferente de contar velhas estórias.

Esse poema é a concretização da evocação feita em *Aninha e suas pedras* e a confirmação de que a mulher é chamada a recriar sua própria história. O eu poético enaltece a figura feminina que consegue recriar a própria vida. O campo que outrora era pedregoso converteu-se em roseiral, a mulher agora é a autora de sua história. Contudo, é somente no entardecer da idade que a mulher de *Ressalva* encontra-se com a caminho do recomeço, com a oportunidade de memorar suas histórias e, assim, poder falar das escaladas que já fez, das pedras que precisou retirar do caminho até chegar ao plantio das flores, até chegar a compor seu livro.

Até então a mulher esteve presa às limitações impostas pelo universo masculino. “Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina” (TELLES, 2010, p. 408). A escrita foi, sem dúvidas, um dos caminhos que a mulher encontrou para ressignificar sua vida, no entanto, não foi fácil tornar o ofício que era essencialmente masculino, também, tarefa feminina:

Tiveram primeiro de aceder à palavra escrita, difícil numa sociedade em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. (TELLES, 2010, p. 403).

Mesmo diante desses desafios, a mulher não esmoreceu, mas conseguiu ir além do espaço que lhes fora reservado e aos poucos vem superando os obstáculos e retirando as pedras que apareceram durante o percurso. Antes mesmo da escrita, “a multiplicação de saraus e o aumento do número de pianos nas residências foram decisivos, também, para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

a libertação da mulher, que começava a se tornar rueira” (MACHADO, 2010, 313). O contato com a rua e as letras foi primordial para que os espaços femininos fossem ampliados.

O poema *Assim eu vejo a vida* retrata a mulher que aprendeu a viver com as contradições e assim dignificou sua vida com sabedoria, soube garimpar ouro de onde só se enxergava pedregulhos. Muitas vezes tratada com desdém, precisou cultivar novos valores e sobreviver aos que desmoronavam:

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

A posição assumida pelo o eu poético do texto acima é complementada no poema *Das pedras*:

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.
Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.
Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Levantei a pedra rude
dos meus versos.

A pedra, que em outros poemas aparece como símbolo de obstáculo, torna-se neste texto alicerce que edifica os ideais femininos. Em meio às adversidades, a mulher consegue extrair forças e recriar a sua história. As pedras não a fazem sucumbir, mas ajuda a mulher a se erguer. O caminho do eu poético foi construído sobre pedras; assim como a casa que é construída na rocha não desmorona facilmente, o caminho trilhado pela mulher não é mais o da fragilidade, mas o da segurança.

Nos últimos versos do poema *Da pedra* o eu poético revela mais uma vez que o caminho da escrita marca um novo tempo na vida da mulher, talvez por também ser alicerçado na pedra esse caminho tornou-se tão produtivo na vida daquelas que sempre foram esquecidas pela sociedade e, quando lembradas, vistas como subservientes aos ideais masculinos. Diante de muitos valores que vão desmoronando, a mulher encontra nas pedras o meio por onde se reerguer. Aprende a traspasar a rigidez de épocas passadas e assim consegue chegar ao cume de sua existência, mesmo apedrejada pelos preconceitos, a mulher não desmorona, mas recolhe as pedras e firma com elas uma nova construção.

CONCLUSÕES

A poesia de Cora Coralina, aparentemente simples, revela-se como uma produção importante de construção lírica de autoria feminina por apresentar as contradições sociais e culturais vividas pela mulher no século XX. Nos poemas em estudo, para além da superfície, a poetisa recolhe a imagem da pedra, recorrente na lírica modernista, e explora múltiplos sentidos relacionando-a a condição vivida pelo feminino. Na lírica de Cora a pedra ora é apresentada como obstáculo, representando os múltiplos desafios encontrados pela mulher para chegar onde almejava. Ora, essa mesma pedra, é representada como alicerce, revelando aquelas mulheres que foram capazes de transformar suas histórias se projetando para lugares que antes não podiam alcançar.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Dessa forma, através de sua poesia, Cora Coralina nos permite refletir sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres de seu tempo e, como a determinação e a coragem foram fundamentais para que essas mulheres enfrentassem os desafios e transformassem os obstáculos em escadas que as levariam ao ponto mais alto de suas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. In: CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10. ed. São Paulo: Global, 2013.

BARBOSA, Maria José Somerlate. A via-láctea da palavra: Adélia Prado e Cora Coralina. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa (Org.). **Gênero e Representação na Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 99-109.I.

BARTHES, Roland. **O Prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOSI, Viviana; CAMPOS, Cláudia Arruda; HOSSNE, Andrea Saad; RABELLO, Ivone Daré (Organizadores). **O Poema: leitores e leituras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula: Caderno de Análise literária**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.

CORALINA, Cora. **Ressalva**. Disponível em http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=3778&poeta_id=40 Acesso em 12 de agosto de 2015.

CORALINA, Cora. **Assim e vejo a vida**. Disponível em http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=3778&poeta_id=40 Acesso em 12 de agosto de 2015.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9ed. São Paulo: Contexto 2010.

DENÓFRIO, Darcy França. **Cora Coralina**. 3. ed. São Paulo: Global, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2013.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del. **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 401-442.